



PARTIDA, PERCURSO E CHEGADA: REFLEXÕES EM TORNO DAS VIAGENS COM FAMÍLIAS

Carla Serrão¹

¹ Professora Adjunta da Unidade Técnico-científica de Psicologia
Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto | InEd ESE
carlaserrao@ese.ipp.pt

Resumo

Nesta viagem narrativa, reflete-se sobre os caminhos da intervenção junto de sistemas familiares. Os mapas e os territórios são lidos e compreendidos de forma sistémica e construcionista. Nesta ação pretende-se refletir sobre os enganos cometidos quando iniciamos a viagem, durante a rota e na chegada ao destino. Estimular uma postura mais ativa da família é aprender também a "trabalhar muito ao assumir um papel menos importante" (Minuchin, Colapinto, & Minuchin, 1999, p. 46) na vida das pessoas e dos sistemas e por isso se torna necessário antes do início de cada viagem ser vigilante relativamente à bagagem que levamos.

Palavras-chave: Perspetiva sistémica, poder, narrativa, intervenção, comunicação

Antes da partida

Duas notas preambulares antes de iniciar este percurso. Primeira nota e para não defraudar as expectativas da leitora, começamos de imediato a informar que não lerão neste texto nada sobre como fazer intervenção sociofamiliar com famílias stressadas, pobres, multiproblemáticas, multidesafiadas, multiassistidas ou outros nomes a elas atribuídas. O nosso intuito é desafiar a pensar sobre o que levamos na nossa bagagem e a (in) utilidade dessas mesmas coisas para a intervenção com o sistema familiar.

Segunda nota e atendendo ao facto das profissões da área social serem maioritariamente desempenhadas por pessoas do sexo feminino, iremos utilizar, sistematicamente, a forma feminina ao longo do texto.

Nesta viagem são colocadas lentes sistémicas construcionistas como propósito à leitura e compreensão das realidades inerentes à intervenção com sistemas familiares. Contudo, não é nosso objetivo abordar a origem da perspectiva sistémica e das teorias que suportam este progresso. Isto é realizado com alguma profundidade num outro texto desta revista (Almeida, Ferreira, Souza, & Serrão, no prelo). Indicaremos, sempre que possível, recursos bibliográficos que podem despertar curiosidades para o seu aprofundamento.

Salvaguardado este aspeto, encorajamo-la a que antes da "partida" se foque no ambiente do seu local de trabalho, de estágio... e reflita sobre as hierarquias, as regras, as alianças, as ligações, os subsistemas e os conflitos existentes. Consegue construir o retrato destes elementos? Fácil, não é?! Ao longo do tempo de permanência nessa equipa/ organização, percebeu como funciona o sistema e quais são as possibilidades em desafiar as mudanças e as regras, assim como percebeu do seu efeito para si e para os elementos constituintes desse sistema (Minuchin, Colapinto, & Minuchin, 1999). Pensar e agir sistémico é, em linhas gerais, observar estes componentes.

Que representações temos relativamente ao sistema familiar? Que juízos fazemos perante a família que se cruza no nosso caminho? Como cuidamos e confrontamos os sistemas? Como é que as nossas narrativas, apesar de bem-intencionadas, não apoiam a mudança? Como é que as questões que formulamos podem ser tão más que auxiliam na fixação dos problemas? Como é que as soluções que apontamos podem ser tão pouco úteis para o sistema? Como é que o insucesso passa a fazer parte do nosso quotidiano profissional, mas as histórias que construímos sobre este falhanço coloca-nos à margem da responsabilidade? Como é que os bodes expiatórios - falta de tempo, excesso de processos, família

resistente, família difícil - nos são tão úteis para protegerem o nosso papel?

Estes questionamentos e os que se seguem deveriam fazer parte de todas as viagens que fazemos na construção diária da nossa profissionalidade: o que somos? O que pensamos? Como agimos? Como comunicamos? Como vemos a realidade? Como nos posicionamos perante a vida, perante os outros? O que desejamos? Por que motivo mantemos as nossas práticas, apesar de as mesmas não trazerem a mudança?

A relação com as pessoas, com as famílias e com os sistemas, exige um estar, um ser, um sentir e um fazer específicos. Ora, isto não é nenhuma novidade e passou a fazer parte do nosso discurso, em sequência das múltiplas vezes em que nos incutiram isto. Parece tarefa fácil... mas não se enganem. É, de facto, uma empreitada pouco espontânea e que exige um esforço constante e contínuo, pois requer criatividade e outro conjunto de habilidades que temos que cuidar e treinar. Como é olhar para algo que à primeira vista não tem nada de positivo? Escavamos, escavamos e parece que toda a arqueologia realizada só nos confirma as hipóteses de insucesso, de incompetência?

Acreditamos que para estar com outro, precisamos de estar primeiro connosco e querendo com isto salientar que o olhar, a imagem que temos sobre nós, co-construída, obviamente, na relação, é algo que devemos recorrentemente cuidar. Um exemplo pragmático desta situação e que facilmente foca a atenção de uma leitora mais dispersa, é a rapidez com que declaramos não ter preconceitos - relativamente à etnia, à idade, ao género, às famílias....

Ora um dos erros, senão o primeiro, será admitir este estatuto de ausência de crenças, juízos, representações e de atitudes sobre algo que vulgarmente desconhecemos, ou até quando conhecemos construímos de imediato perfis definitivos que mantem a própria homeostasia: "também com aqueles pais, o que se esperaria?".

Esta falta de neutralidade, que apesar de impossível de alcançar, impede a curiosidade de descobrir o território ("o mapa não é o território" conforme defende Bateson, 1990).

"Se o «problema» de um cliente parece intratável, então a desconstrução do significado pode ser um precursor essencial da reconstrução" (Gonçalves, & Gonçalves, 2001, p.7).

Outro erro comum é pensarmos que nos detemos nas forças e potencialidades de determinado sistema. Contudo, as mensagens implícitas e explícitas, projetadas de forma verbal, não-verbal ou para-verbal, pontuam

a incompetência das famílias, fazendo perceber que a nossa lente se centra nos problemas (Dallos, & Hamilton-Brown, 2000). De facto, as histórias que contamos sobre as famílias centram-se nas dificuldades, nas incapacidades, nas incompetências. Apesar de as famílias não gostarem dos retratos que fazemos sobre elas, os mesmos são incorporados dada a autoridade e o estatuto da profissional. É de salientar também que nem todas as profissionais têm o mesmo estatuto e autoridade, contudo como as histórias que construímos acerca das famílias são tão homogêneas, independentemente da profissional que as conta, ela passa a ser a história única da família.

Outro engano frequente: o repúdio que mostramos relativamente ao assistencialismo: "não somos assistencialistas! Não damos o peixe, ajudamos a pescar!". Apesar da recusa discursiva, as nossas práticas, não raras vezes, tornam o sistema mais dependente do que empoderado. A doutrina e a prática evidenciam incoerências e a falta de consciência sobre os processos que, apesar de bem-intencionados, reforçam a condição de subalternização, oprimem a mudança e amparam a obediência.

Não são apenas os contributos financeiros, materiais ou de serviços que revestem a ação assistencialista, os afetos e as emoções também cobrem este processo. Como diz Guareschi (2000), também os assistencialismos afetivo e emocional sustentam relações de dominação.

São estes asfaltos que serão o chão desta viagem narrativa.

Partida

A família chega até nós voluntaria ou involuntariamente. Independentemente deste papel ativo ou passivo na decisão, a família mostra-se momentaneamente bloqueada ao nível do seu funcionamento/desenvolvimento familiar (Alarcão, 2000).

O primeiro contacto com o sistema familiar envolve, como é óbvio, um conjunto de padrões interacionais entre a profissional e a família. Quando recebemos a família, cumprimentamo-la calorosamente, convidamo-la a entrar connosco num território específico, o nosso, e agradecemos de imediato a confiança que depositam em nós ao nos concederem a oportunidade de conhecermos o que a mesma traz na sua bagagem. Conhecer, na primeira pessoa, os diferentes elementos, os seus nomes, as suas idades, as suas ligações ao emprego, à escola... Conhecer o problema que traz e as teorias que cada um dos elementos constituintes do

sistema constrói acerca do mesmo.

Quando envia S.O.S., a família espera que o profissional, enquanto especialista, resolva os problemas que a mesma lhe traz. Por isso, a conversação facilmente descamba para as interrogações: "O que acha que devemos fazer?" Ora este pedido de ajuda, seduz-nos de imediato, pois a família reconhece e qualifica o nosso papel.

Seduzidos por este reconhecimento. E não querendo, de todo, defraudar as expectativas da família, embarcamos nesta viagem norteada pela competência que nos atribuem em resolver os seus desafios. Este papel que a família nos atribui, dá-nos segurança e poder, e de facto a sensação é boa, pois sentimo-nos competentes. Contudo, não nos apercebemos do imbróglgio desta rota e dos efeitos secundários desta postura. Os "conselhos não são informação, mas mais ruído que impede de pensar" (Ausloos, 2003, p.155). Quando decidimos dar conselhos, impedimos as pessoas "de encontrarem soluções que lhes convenham" (Ausloos, 2003, p.155)

De facto, quando decidimos responder às interrogações da família sobre determinado tema, estamos a dar sinais de que sabemos mais da vida delas do que elas próprias. Estamos a cristalizar um papel de dependência e em sequência não estamos a abrir espaços para a renovação. Isto é uma forma de assistencialismo!

Ao invés, devem ser criadas, de imediato, direções para a metacomunicação sobre os papéis de cada um, assim como para a definição da relação. Parafrazeando Ausloos (2003, p.119), "não sou um médico que vai tratar um doente e encontrar soluções, mas um profissional que pede a um companheiro competente que lhe traga uma solução. De passivo e dependente, o paciente torna-se activo e competente".

A relação a desenvolver é de "heterarquia" (Andersen, 1995, p.18), ou seja de "governo através do outro" (p.18), ao invés de onisciente. Ambos, profissional e família, são considerados especialistas, porém cada um é especialista no seu território: a profissional é competente na identificação e na ampliação da realidade, catalisando a mudança e a família é a especialista da sua vida, das suas experiências, da sua evolução. Nesta ótica, claramente se percebe que o papel do profissional é tratar da estrutura e o da família é tratar da iniciativa (Witaker, & Bumberry, 1990).

Lutar com unhas e dentes para tratar da sua especialidade deve ser transversal aos diferentes momentos da intervenção.

Whitaker e Bumberry (1990) afirmam que a profissional,

para ser capaz de cuidar, tem que desenvolver a capacidade de desafiar o sistema a enfrentar os temas que o mesmo prefere não reconhecer. Segundo os autores, "o verdadeiro cuidar requer uma mistura de sustento com confrontação" (p.122). Por isso, cuidar e confrontar constituem duas componentes essenciais para auxiliar a mudança. Contudo, a "dualidade nutriz-dureza" deve ser equilibrada, pois se a nutrição for excessiva pode cair-se na "armadilha do «ajudar»" e se a dureza for excessiva "frequentemente é sádica" (p.32). O profissional deverá pressionar, mas não constitui nem seu dever, nem tão pouco direito dizer ao sistema como crescer.

Outro elemento que nos parece muito importante focar é a ansiedade, pois esta é necessária para alimentar as mudanças. Para que o sistema aceite viajar na rota que lhes proporcionamos, precisa de ver o sofrimento não como inimigo, mas como parceiro. E o que tornará a dor suportável é a capacidade da profissional em investir nesse sistema (Whitaker, & Bumbery, 1990).

Além desse atributo a nós atribuído de especialistas e do qual devemos escapar sempre, a família também nos coloca na iminência de encontrar o culpado daquela história, isto é o bode expiatório (Santos, 1999).

Devemos escapar também e a todo o momento às tentativas de construção de alianças rígidas ou coligações. A família terá de sair confusa por não saber de que lugar estava a profissional, pois aliou-se com todos os seus membros e não se aliou a ninguém em particular. Esta particularidade relacional permitirá abrir novos caminhos, permitirá ao sistema dispor-se a conhecer o território. É uma possibilidade para o reencontro.

Percurso

Se a família não voltar, se bem que nos processos da multiassistência a obrigatoriedade do voltar não deixa liberdade para esta decisão, podemos traçar vários mapas: ou fomos tão eficientes que a família perante os seus recursos já resolveu a sua vida; ou pelo contrário, fomos tão pouco capazes que a família sentiu-se mais incompetente do que quando nos disse "olá", ou ainda a família sentiu-se ameaçada pela falta de neutralidade e de curiosidade da profissional que não se dispõe a gastar combustível numa viagem já tão bem conhecida.

Para que haja um reencontro, a profissional teve que se esforçar para desenvolver a neutralidade, a curiosidade, a autenticidade e a afiliação (pois sem relação não existe intervenção sociofamiliar). Teve que ter a habilidade em fazer questões. Ou seja, mais importante que saber a história, é permitir ao sistema construir novas histórias do problema.

A "verdade é que a maioria dos técnicos foi ensinada a procurar o que corre mal e que temos tendência a encontrar o que procuramos" (Ausloos, 2003, p.152). Como dito anteriormente, muitas vezes as pessoas trazem histórias contadas por outras (pela médica, pela assistente social, pela educadora social...). A história cuja autora tem mais autoridade é a história mais incorporada. Além disso, as pessoas em situação de pobreza e exclusão estão mais sujeitas a terem histórias contadas pelas outras. As pessoas não tomam conta dos seus problemas, pois as profissionais é que se responsabilizam por elas (Minuchin et al., 1990).

Tom Andersen (1991) ilumina-nos a estrada quando diz que "se as pessoas são expostas ao vulgar, tendem a ficar iguais. Se elas encontram algo invulgar pode induzir uma mudança. Se a novidade que encontrarem for demasiado vulgar, elas fecham-se" (p.19). Neste sentido, é importante reforçar o efeito das questões que colocamos ao sistema, uma vez que as perguntas adequadamente inusuais são as que criam tensão e ajudam à transformação.

Retomando a ideia dos preconceitos e estando já esclarecido que os estereótipos e preconceitos constituem elementos da nossa mala de viagem, é profícuo refletir se os preconceitos/estereótipos sobre determinado tema, sistema ou pessoa são úteis ou não úteis à intervenção. Se pensamos que "as famílias que recebem rendimento social de inserção não querem fazer nada para alterar as suas vidas" ou que "aquela mãe é rejeitante" ou que "aquele pai é incompetente", que consequências poderá ter esta visão no processo interventivo?

Se respondeu: - "nenhuma!".

Vale a pena pensar sobre isto! As narrativas perniciosas têm o poder de criar profecias auto-cumpridoras. Ao designar o sistema ou um dos seus elementos como incompetente, isto "pode gerar conflito" (uma vez que o sistema se sente julgado injustamente) ou "apatia" (uma vez que o sistema reforça e confirma a falta de poder na mudança) (Sousa, & Ribeiro, 2005, p.18). Ora, a posição da profissional enquanto "true believer" (Anderson, & Goolishian, 1992) poderá tornar o sistema cada vez mais dependente dos serviços e da ajuda.

Se respondeu: - "Mas isto é verdade!". Então perguntamos-lhe: Como sabe? Tem uma escala para medir isto? Pode eventualmente haver mães que são menos competentes ao nível dos cuidados, contudo podem aprender essas competências. Ora, esta é mais uma vez uma posição de "true believer", que nos cristaliza, fixa e solidifica a homeostase.

Se respondeu: - "Bloqueio!". Estaremos num outro carro.

Podemos pensar de múltiplas maneiras, contudo há maneiras que protegem mais as pessoas. Há histórias e olhares mais benignos que fortalecem as pessoas, que as qualificam. Todos os sistemas têm coisas a pontuar... pontuações positivas sobre a preocupação que demonstram uns relativamente aos outros, sobre o interesse que demonstram em resolver determinado problema, sobre o apoio incondicional que cada um dos elementos do sistema fornece, sobre o amor incondicional que o sistema mostra. Não há famílias boas ou más, a família é o que é. Valorizar as coisas boas que o sistema nos mostra. Para pensar e agir desta forma, temos que parar múltiplas vezes ao longo da viagem e só depois continuar o caminho.

Conversar, com todos os elementos, sobre as possibilidades, no sentido da mudança, centrada nas competências, nas capacidades, na responsabilização e na colaboração é útil neste processo (e.g., Ausloos, 1996; Shazer, Berg, Lipchik, et al., 1986). A bem-intencionada ação de proteger o mais fraco ou mais ameaçado, perdendo-se de vista o sistema como um todo, ameaça, como defendem Minuchin e colegas (1999), o processo emancipatório.

Distanciar-se de conversas centradas na culpa e na recriminação, pois o que mais fixa as histórias é o sentimento de culpa e a culpa, "uma vez encontrada, tende a marginalizar, a ser um fim de um percurso, um beco sem saída" (Santos, 1999, p.87).

Tanto na família, como em qualquer outro sistema, narra-se e enfatiza-se "a falta, o pecado ... pelo meio da culpabilização" (p.153), ensina-se às crianças, aos/às estudantes, acentuam-se "os erros mais do que amplificando as suas competências ou valorizando os seus sucessos".

Passar de um modelo judaico-cristão a um modelo sistémico implica "procurar as competências, as capacidades, o que eles sabem fazer, mais do que insistir nas faltas, nas dificuldades, nos fracassos... mais do que procurar a confissão dos traumatismos que ancoram a um passado estéril" (Ausloos, 2003, p.153).

Nestes caminhos de curiosidade e descoberta, ajudar também a desconstruir rótulos totalizadores: "não sou capaz de fazer!", "estou sempre deprimida!", que em nada apoiam a mudança.

Como se lê nas palavras sábias de Minuchin e colegas (1999, p.46), a profissional deve "trabalhar muito" para "assumir um papel menos importante" na vida do sistema. Este papel estimulará o desenvolvimento de um novo papel do sistema: assumir as decisões das suas vidas, resolver os seus desafios (Almeida et al., no prelo).

Chegada

Parafraseando Whitaker e Bumberry (1990, p.134), as famílias "precisam dirigir o seu próprio navio"; "se as coisas forem bem, elas partem com mais amor e mais liberdade para serem pessoas de verdade" (p.55). A liberdade concedida, o poder atribuído e o empoderamento construído nesta relação permitirá que a família crie novos destinos, descubra novas terras. A este respeito, Timóteo (2013, p.17) reflete acerca do risco da ação social se confundir com uma ação de controlo social: "enquanto inspetores sociais (...) os profissionais privilegiam a regulação social e a manutenção da ordem dominante e colocam o sujeito mais como objeto do que sujeito de ação". Por isso, e apesar de tudo o que pregamos até agora, sabemos que algumas famílias não têm a liberdade de decidir o percurso e a chegada, pois as práticas fiscalizadoras e de centralização do poder no profissional impedem qualquer tentativa de emancipação do sistema. Contudo, esta posição, que à partida parece ser desvantajosa traz algumas vantagens, pois o nosso ato pedagógico perpetuado ao longo de múltiplas práticas proporcionou ao sistema o desenvolvimento de habilidades para enganar e escapar das profissionais. O que lhes dá uma sensação, embora aparente, de liberdade. Talvez seja esta a única vantagem inerente a estas práticas...

Cabe recuperar a ideia de Demo (1991, citado por Costa, & Brandão, 2005) quando indica que "a intervenção bem-feita é aquela que se torna dispensável" e neste sentido, é importante chegar ao destino e dizer "adeus". Deixando sempre a possibilidade de a família regressar caso deseje ou necessite de fazer nova viagem.

Na despedida, não nos devemos esquecer de agradecer autenticamente o quanto aprendemos com a família e desejar "boa viagem".

Balanço da viagem

Pela riqueza do discurso, deixamos como mote reflexivo a denúncia feita por Pedro Demo (1991, citado por Costa, & Brandão, 2005) com respeito à intervenção social: "constantemente é dado ao pobre o que é pobre". Por isso, não devemos continuar a ajudar "as pessoas a conviverem mais felizes em suas condições perversas de vida, naturalizando-as" (Costa, & Brandão, 2005, p.35-36). Esta foi uma das descobertas que fizemos nas viagens com famílias, pois não raras vezes elas desafiavam-nos a não ser esperançosas, a não acreditar que fossem capazes...

Fazer o balanço da viagem, é pensar sobre todo o percurso feito com a família, sobre a utilidade das descobertas feitas em família, sobre as possibilidades dadas ao sistema para de forma corajosa se desafiar.

Esperamos que este caminho tenha sido um contributo para a reflexão e ação e, em consequência, uma oportunidade para a transformação.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nocómaco*. Edição de 2004. Tradução portuguesa de António Caeiro. Lisboa: Quetzal Editores.
- ALARCÃO, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- ALMEIDA, M., FERREIRA, M, SOUZA, P, & SERRÃO, C. (no prelo). A educação social e as famílias multidesafiadas: Reflexões sobre um trajeto estimulado. *Praxis Educare, Revista da Associação de Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social*.
- ANDERSON, H. D., & GOOLISHIAN, H. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach of therapy. In S. McNamee, & K. J. Gergen (Eds.), *Therapy as social construction* (pp. 25-39). London: Sage.
- ANDERSEN, T. (1995). Reflecting process: Acts of informing and forming. In S. Friedman (Ed.), *The reflecting team in action* (pp. 11-37). New York: Guilford Press.
- ANDERSEN, T. (1991). *Processos Reflexivos*. Rio de Janeiro: NOOS.
- AUSLOSS, G. (2003). *Do caos suicida à competência das famílias*. Lisboa: Climepsi Editores.
- BATESON, G. (1990). Os homens são como planta: A metáfora e o universo do processo mental. In W. I. Thompson, *Gaia uma teoria do conhecimento* (pp. 35-44). São Paulo: Gaia.
- COSTA, L., & BRANDÃO, S. (2005). Abordagem clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora. *Psicologia & Sociedade*, 17 (2), 33-40.
- DALLOS, R., & HAMILTON-BROWN, L. (2000). Pathways to problems. *Journal of Family Therapy*, 22, 375-393.
- GONÇALVES, M. M., & GONÇALVES, O. F. (2001) (Coords.). *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto.
- GUARESCHI, P. (2000). *Relações Comunitárias - Relações de Dominação*. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia Social Comunitária - da solidariedade à autonomia* (pp.81-99). Petrópolis: Vozes.
- MINUCHIN, P., COLAPINTO, J., & MINUCHIN, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SHAZER, S., BERG, F., LIPCHIK, E., ET al. (1986). Brief therapy: Focused solution development. *Family Process*, 25, 207-221.
- SANTOS, M. R. S. (1999). Cruzar compreensões, confrontar estratégias e co-constituir a intervenção. In A. Bertão, M. S. Ferreira, & M. R. Santos, *Pensar a escola sobre os olhares da psicologia* (pp. 87-95). Porto: Edições Afrontamento.
- SOUSA, L., & RIBEIRO, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *PSICOLOGIA*, XIX (1-2).
- TIMÓTEO, I. (2013). A evolução da educação social: Perspetivas e desafios contemporâneos. *Praxis Educare, Revista da Associação de Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social*, 1, 13-18.
- WHITAKER, C. A., & BUMBERRY, W. M. (1990). *Dançando com famílias*. Brasil: Artes Médicas.

Número 3

2016

Semestral

PRAXIS EDUCARE

Revista da Associação dos Profissionais Técnicos
Superiores de Educação Social



APTSES

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS
TÉCNICOS SUPERIORES DE
EDUCAÇÃO SOCIAL



www.aptses.pt/praxiseducare

FICHA TÉCNICA

PRAXIS EDUCARE

Número 1/2016

Técnicos Superiores de Educação Social: Desvio Social, Reinserção e Famílias Multidesafiadas

Coordenação

Fátima Correia
Sílvia Azevedo

Conselho Editorial

Ana Camões
Fátima Correia
Marta Nicola
Sílvia Azevedo
Teresa Barros

Colaboram nesta edição

Ana Isabel Lopes
Anita Silva
Carla Serrão
Carlos Sánchez Valverde
Leonor Teixeira
Liliana Lopes
Marta Conceição Mendes
Marta José Nuncio
Mariana Almeida
Marta Ferreira
Pâmela Souza
Paulo Dias
Sónia Galinha

Periodicidade

Semestral

Data da publicação

Janeiro 2016

Design

Carla Monteiro

Edição/Propriedade

Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social
www.aptse.pt
praxiseducare@aptse.pt

Todos os artigos assinados são da responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução dos artigos publicados, desde que indicada a fonte.

CD-ROM ISSN 2183-4830

SUMÁRIO

Comunicações do IV Congresso Internacional de Educação Social

Um Motivo para Refletir sobre Conclusões e Reptos para a Educação Social - *Leonor Lemos Teixeira*

Desafios da Intervenção para a Reinserção Social em Contexto Prisional - *Maria José Silveira Nuncio*

Inclusão Social de Seniores. A Vida em Post-it - *Sónia Alexandre Galinha*

Problematização dos Processos de Reintegração Social de Toxicodependentes no Âmbito de uma Visão Sistémica das Toxicodependências - *Paulo Coelho Dias*

Problema Social Prostituição - *Maria Conceição Mendes*

La Educación Social como Educación para los Derechos Humanos - *Carlos Sánchez-Valverde Visus*

Workshops do IV Congresso Internacional de Educação Social

Eu não sei portar-me bem. Técnicas de Educação Não-Formal para a Gestão de Comportamentos Desafiantes - *Anita Silva*

Artigos

A Educação Social e as Famílias Multidesafiadas. Reflexões sobre um trajeto estimulado - *Mariana Almeida, Marta Ferreira, Pâmela Souza & Carla Serrão*

Famílias Multidesafiadas – O Papel do Educador Social no Desenvolvimento de Competências em Famílias Multidesafiadas do Rendimento Social de Inserção - *Ana Isabel Rodrigues Lopes*

Partida, Percurso e Chegada: Reflexões em torno das Viagens com Famílias - *Carla Serrão*

Recensão

As políticas educativas para o sector da educação de adultos em Portugal; as novas instituições e processos educativos emergentes entre 1996-2006 - *Liliana Lopes*

Biblioteca

Próximo Número